

RESUMO

Partindo da prática internacionalista do fisiologista brasileiro Miguel Ozório de Almeida (1890-1953), esta tese analisa a ideia de universalismo científico como uma categoria dinâmica, que é mobilizada nas ações dos cientistas em distintos momentos e espaços. Em diálogo com a historiografia das ciências, em especial quanto às relações científicas transnacionais e à atuação dos cientistas como intelectuais, argumento que o universalismo enquanto ideal foi mobilizado por Ozório de Almeida tanto em sua atuação pública quanto na produção dos conhecimentos que o projetaram no âmbito da fisiologia experimental internacional. Analiso a trajetória de Ozório de Almeida enquanto membro da elite intelectual e econômica do Rio de Janeiro num período de grandes mudanças na estrutura educacional, política e econômica do Brasil e enquanto cientista de um país que ocupava certo posicionamento marginal na comunidade internacional.

Na primeira parte da tese, abordo sua atuação no laboratório particular de fisiologia experimental - montado com a ajuda de mecenas na casa de seus pais- e seu engajamento na criação de espaços institucionais de valorização da ciência no país, como na Academia Brasileira de Ciência. Além disso, analiso os seus estudos epistemológicos e os associo aos seus trabalhos fisiológicos, demonstrando a forma como ele compreendia o uso de teorias e de modelos matemáticos na biologia.

Na segunda parte da tese, analiso os valores morais dos cientistas preconizados por Ozório de Almeida e argumento que, para ele, a ideia de liberdade e autonomia diante de qualquer autoridade, nacional ou internacional, política ou intelectual, apresentava-se como um elemento essencial da atividade científica. Assim, defendo que o projeto internacionalista de cooperação intelectual da Liga das Nações foi usado como palco para as críticas de Ozório de Almeida ao autoritarismo do governo Vargas. Além disso, o universalismo do cientista encontrou espaço nos debates para a criação da Unesco, sendo usado pelo cientista para criticar as assimetrias que marcavam as relações científicas internacionais.

Dessa forma, parto da ideia de que falar sobre práticas científicas pressupõe também falar sobre visões de mundo e propostas de intervenção social. Portanto, analiso o conceito de universalidade do conhecimento e a ideia de internacionalismo científico não como categorias estáticas (e constitutivas de uma “essência” do fazer científico), mas como categorias mutáveis e criadoras, que são mobilizadas nas ações dos indivíduos em determinados momentos e sob condições específicas.

Palavras-chave: universalismo; internacionalismo científico; Miguel Ozório de Almeida; fisiologia; autonomia científica; intelectuais cientistas; organismos internacionais.